

**Da Festa de São Pedro à Festa do Pescador:
Dinâmicas identitárias em uma comunidade ribeirinha de
Mato Grosso.**

Lucas de Albuquerque Oliveira
Secretaria de Estado de Mato Grosso de Educação, Esporte e
Lazer

Patricia Silva Osório
Professora do Departamento de Antropologia
do PPG- ECCO, UFMT e do PPGAS, UFMT

Resumo: Neste artigo refletiremos sobre o processo inventivo no qual a “Festa de São Pedro”, realizada em uma área rural às margens do rio Cuiabá, Mato Grosso, torna-se a “Festa do Pescador”. A intenção é de pensar dinâmicas identitárias a partir de uma etnografia sobre o processo de produção da Festa. Pensando a festa em múltiplos planos, procuramos esboçar alguns trânsitos que apelam para as dimensões das sociabilidades festivas alicerçadas em laços de parentesco e vizinhança, mas também perpassadas por processos de profissionalização e espetacularização.

Palavras-chave: festas; dinâmicas identitárias; cultura popular.

From the Feast of Saint Peter to the Feast of the Fisherman: Identity dynamics in a riverine community of Mato Grosso.

Abstract: This article reflect the creative process that converts “Saint Peter's Festivity”, performed on the banks of Cuiabá River in Mato Grosso, in “The Fisherman's Festivity”. Our intention is to consider identitary dynamics, starting from the point of view of the ethnography about the process of the construction of the Festivity. Thinking about the party in multiple plans, we tried to sketch some transits that appeal to the dimensions of festive sociabilities based on ties of kinship and neighborhood, but also pervaded by processes of professionalization and spectacularization.

Keywords: festivity; identitary dynamics; popular culture.

De la Fiesta de San Pedro a la Fiesta del Pescador: Dinámicas identitarias en una comunidad ribereña de Mato Grosso.

Resumen: En este artículo reflexionamos sobre el proceso inventivo en el que la "Fiesta de San Pedro", realizada en un área rural a orillas del río Cuiabá, Mato Grosso, se convierte en la "Fiesta del Pescador". La intención es pensar dinámicas identitarias a partir de una etnografía sobre el proceso de producción de la Fiesta. Pensando la fiesta en múltiples planos, buscamos esbozar algunos tránsitos que apelan a las dimensiones de las sociabilidades festivas basadas en lazos de parentesco y vecindad, pero también atravesadas por procesos de profesionalización y espectacularización.

Palabras clave: fiestas; dinámicas identitarias; cultura popular.

A Festa e Cultura Popular

Os estudos sobre as festas guardam longa tradição nos estudos antropológicos. Emile Durkheim em “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, livro publicado em 1912, analisa uma série de eventos festivos de diferentes naturezas: cultos religiosos, banquetes, ritos funerários. Para o autor, os eventos festivos são momentos de reunião - realizados por diferentes motivos - nos quais a “sociedade se faz”, sente sua existência enquanto tal e é por meio dessa ação comum que a vida coletiva se afirma, se refaz e se atualiza. Marcel Mauss, em “Ensaio sobre a Dádiva”, publicado em 1925, também fornece pistas importantes para pensarmos os eventos festivos como momentos privilegiados para a análise de dinâmicas sociais. O objetivo do autor é o de investigar o caráter voluntário (aparentemente livre e gratuito) e ao mesmo tempo obrigatório e interessado das prestações-trocas em diferentes sociedades. O potlatch é um exemplo de um sistema de prestações totais (MAUSS, 2003: 191). O potlatch é uma forma típica de dois grupos do noroeste americano Tlingit e Haida que passam grande parte do inverno numa perpétua festa (banquetes, feiras). No potlatch quase tudo acontece: casamentos, trocas econômicas, cultos religiosos, decisões políticas. Este sistema de troca apresenta um caráter agonístico de rivalidade e antagonismo. Observam-se batalhas entre chefes e nobres que envolvem, sobretudo, a destruição suntuária das riquezas acumuladas para denegrir o chefe rival. “Assiste antes de tudo uma luta de nobres para assegurar entre eles uma hierarquia que beneficiará seu clã” (: 192). Estão em jogo elementos essenciais como a honra e prestígio que a riqueza confere. Nas trocas as pessoas competem e estabelecem obrigações: dar, receber e retribuir. A obrigação deste sistema de dádiva se exprime de forma simbólica. É um símbolo da vida social que traduz a maneira pela qual os subgrupos dessas sociedades, envolvidos nas festas, estão imbricados uns nos outros e sentem que se devem tudo (: 232). Para Mauss a dádiva serve para manter alianças, mas o que se estabelece por dádivas são hierarquias. Em outras palavras, reciprocidade não é necessariamente igualdade. As trocas por dádivas e todo o sistema que ela movimenta ordenam as hierarquias, classificando as desigualdades. Para Mauss, dar – receber – retribuir são imperativos universais, a base fundamental da sociabilidade. Seu efeito é a criação de vínculos entre indivíduos e unidades sociais. A reciprocidade é o ato da reprodução da sociedade. Retomando os argumentos de Durkheim, as festas são, assim, a sociedade em ato.

Atualizando algumas ideias da Escola Sociológica Francesa, Lea Perez explora a dimensão societal dos eventos festivos e sua potencialidade como universo de investigação antropológica:

Uma antropologia da festa é (...) uma antropologia das efervescências coletivas, não necessariamente sociais, das formas de sociação e de trocas não necessariamente cristalizadas. A festa não é um mero produto da vida social, muito menos um simples

fator de reprodução da ordem estabelecida pela via da inversão. Tal como o princípio de reciprocidade, não custa repetir mais uma vez, a festa é o ato mesmo de produção da vida (PEREZ, 2002: 53).

O antropólogo português João Leal (1994), ao analisar as festas do Espírito Santo nos Açores as insere em complexo conjunto de dádiva e contra-dádivas estabelecidas entre os homens e entre estes e os santos. A partir das festas, Leal reflete sobre o significado religioso, sobre a afirmação de relacionamentos sociais, como os laços de parentesco e vizinhança, sobre o pertencimento ao lugar e a freguesia (:17). Em suas análises, Leal também ressalta os vínculos entre os festejos e a conceptualização do tempo, estabelecendo relações entre ritual, tempo e estrutura social.

O que queremos enfatizar com essa breve revisão bibliográfica é que as festas marcam tempo, pessoas, temas, lugares (PASSOS, 2002:10). As festas podem ser pensadas como ocasiões sociais complexas presididas por modelos de ordem que orientam condutas, fornecendo meios para a navegação no mar dos acontecimentos e chaves para decodificação dos sentidos de suas ações (TRAJANO FILHO, 2009: 37).

As análises sobre festas cruzam-se com as reflexões sobre cultura popular. As abordagens atuais, principalmente aquelas advindas das pesquisas etnográficas acerca da cultura popular procuram enfatizar não a permanência das formas, mas o sentido, a articulação entre forma e cognição, as singularidades culturais dos processos sociais (SEGATO, 1992: 20). Embora vista por um prisma renovado, a cultura popular é ainda abordada em muitos trabalhos por um viés romântico. Portanto, pensar as mudanças, reinvenções e fluxos que se fazem neste âmbito, é uma alternativa qualitativa para dar contribuições para o estudo das manifestações populares festivas contemporâneas. Cada pessoa envolvida nestas manifestações atua de forma ativa, recombina retalhos. As formas e conteúdos navegam e são incorporados seletivamente de acordo com a proposta dos atores. As manifestações populares são constantemente reinventadas e transformadas, simplesmente pelo caráter dinâmico que a própria cultura possui (VIANNA, 2005: 9).

No cenário de Mato Grosso os estudos sobre as festas e principalmente os estudos etnográficos sobre o festejar são ainda pouco desenvolvidos. Este artigo pretende refletir sobre as sociabilidades festivas, ressaltando suas dimensões criativa e reflexiva. Partilhando das perspectivas teóricas acima apontadas, refletiremos sobre o processo inventivo no qual a “Festa de São Pedro”, realizada em uma área rural às margens do rio Cuiabá, Mato Grosso, torna-se a “Festa do Pescador”. A intenção é a de pensar dinâmicas identitárias a partir de uma etnografia sobre o processo de produção da Festa. A produção e realização da Festa do Pescador colocam-se como uma tentativa dos organizadores de situá-la como um evento capaz de balizar processos identitários e estabelecer trânsitos com as esferas políticas locais e com o turismo.

Bonsucesso, Festa e Dinâmicas identitárias

Bonsucesso é um bairro situado na zona rural de Várzea Grande, cidade vizinha à capital de Mato Grosso, Cuiabá. Distante a poucos quilômetros de dois centros urbanos, Cuiabá e Várzea Grande, Bonsucesso constitui-se em um local especial. Tal especialidade remete às dinâmicas históricas do surgimento e desenvolvimento da localidade, às imagens associadas ao lugar e à própria festa aqui analisada.

A formação de Bonsucesso advém de antigas ondas de migração. Pesquisas apontam para a ocupação inicial em torno de uma sesmaria datada de 1866, a sesmaria Bonsucesso (TAVARES, 2011). Desse tempo se herdou o fazer da rapadura e o plantio da cana-de-açúcar que muito alimentou as usinas localizadas às margens do rio Cuiabá. Além da rapadura, a fabricação de doces caseiros e a pesca - esta mesmo que incipiente - geram divisas para as famílias que se dividem entre trabalho agrícola e assalariado, numa composição mista da renda familiar (OLIVEIRA, 2008). Atualmente, a localidade conta ainda com restaurantes, onde predominam o trabalho familiar, oferecendo aos clientes, turistas ou visitantes, pratos à base de peixe e considerados como típicos da culinária local, como a ventrecha de pacu frita e a mujica de pintado.

Em Bonsucesso, o visitante é embebido pelo ar bucólico e rural da localidade. Na rua, calçada com paralelepípedos, carros de bois circulam e dividem espaço com carros, motos e bicicletas. A maioria das casas não possui muros, sendo a porta da sala diretamente ligada às calçadas, onde muitos moradores colocam suas cadeiras e põem-se a conversar horas a fio. Da rua principal, podemos avistar os engenhos de rapadura são tocados por senhoras e senhores de avançada idade. Pescadores passam a todo o momento com seus apetrechos em direção ao rio. Algumas mercearias vendem varas de pescar e iscas para o visitante que chega para se divertir.

A localidade é marcada temporalmente por várias festas de santo. As festas são realizadas ao longo de todo o ano e são feitas em homenagem a santos católicos, como a de São Benedito, Divino Espírito Santo e a de São Pedro. A Festa de São Pedro, também chamada de Festa do Pescador, traz a bagagem cultural dos ribeirinhos, misturada a elementos diversos, como a música pop-regional, o turismo e a política local.

O festejo possui diferentes momentos. A festa inicia-se com uma missa católica, realizada na igreja da comunidade. Ao final da missa, os fiéis seguem em procissão até a entrada do bairro. Logo em seguida tem início a procissão fluvial. Por volta das onze horas é feita a “passagem do santo” para os festeiros do ano seguinte. Ou seja, os novos festeiros selam publicamente seu compromisso de realizarem a festa do próximo ano. Depois, é servido o almoço às margens do rio Cuiabá. A refeição, uma grande peixada, ocorre em um terreno amplo, diversas mesas são espalhadas pelas sombras das árvores. Logo após o almoço, iniciam-se as apresentações culturais, shows musicais, teatro e

dança. A comemoração é uma combinação de festejos que oscilam entre a missa, procissão, a refeição e o baile.

A Festa do Pescador pode ser considerada especial dentre outras festas que ocorrem na localidade, pois ela é promovida por um grupo de pescadores organizados em uma Associação formalizada. Tal associação é a responsável por estabelecer os trânsitos entre a localidade e outras esferas para além dela.

Além de trazer elementos associados à dimensão religiosa, atualizando a devoção ao santo católico e ainda reforçando redes de sociabilidade entre os moradores de Bonsucesso, a Festa é o canal privilegiado por meio do qual a comunicação é estabelecida entre os moradores da localidade e entre estes e a sociedade envolvente. O festejo consegue congrega pessoas num duplo sentido: os moradores; e numa outra esfera, o visitante e os representantes das esferas administrativas da cidade, uma vez que a Festa se apresenta como uma forma de acesso ao poder público, à iniciativa privada e aos agentes culturais, chamados para apoiar a festividade. No processo de construção da Festa se faz necessário a formação de redes sociais. E são nestas redes estabelecidas que emergem os fluxos entre a localidade e a cidade.

O que faz a produção da Festa poder ser vista como um evento especial é a sua potencialidade de edificar e comunicar imagens. Nas narrativas sobre o evento são construídas imagens que se referem à afirmação identitária, à idealização da forma de convívio em Bonsucesso, bem como ao acionamento da ideia de tradição, muito enfatizada pelos organizadores e moradores.

A noção de identidade tem sido amplamente reavaliada a partir das ideias de fluxos, mobilidade e recombinação (CANCLINI, 1998 e HALL, 2005). Perpassando tal reexame está a ideia de cultura pensada como um processo (cf. HANNERZ, 1997). A opção pela ênfase na dimensão processual da cultura é importante pois coloca como o foco da análise não apenas as identidades enquanto marcadores sociais e que distinguem coletivos, mas também como dinâmicas políticas em que diferentes esferas e agentes se encontram e desencontram. Falar da Festa de São Pedro ou Festa do Pescador de Bonsucesso é poder adentrar nestas questões. A Festa veicula uma imagem associada a um território e a um estrato social, os ribeirinhos à beira do rio Cuiabá, mas ao mesmo tempo alimenta o calendário de lazer das área metropolitana de Cuiabá, reunindo pessoas da comunidade e de fora dela. Portanto, trataremos de identidade numa perspectiva que ressalte o caráter social e simbólico das dinâmicas identitárias, mas também de sua ação enquanto algo denotativo de contraste e de identificação formulada num determinado processo social mais amplo.

Há tempos que a antropologia nos ensina que os processos identitários são relacionais e contrastivos (Barth, 1998). Amparando-se nas perspectivas teóricas anteriormente abordadas, entendemos as “identidades” como dinâmicas. Assim, torna-se importante problematizar as relações entre identidade e comunidade. George Marcus (1991) realiza uma crítica ao conceito de comunidade, pensando como uma espacialidade fixa e como portador de uma identidade específica, dissolvendo a solidez destes conceitos (identidade e

comunidade) para propor uma análise dos processos identitários em múltiplos planos e espaços. E é transitando em múltiplos planos e espaços que podemos observar a Festa de São Pedro - Festa do Pescador.

Na Festa, observamos a erupção de identidades para dentro do âmbito da localidade, de forma interna à constituição da produção da festa. E para tal é importante percebermos como os moradores se organizam, quais figuras se destacam, as narrativas da festa, a relação da festa com o cotidiano de Bonsucesso e os saberes que implicam no fazer a festa. Numa segunda instância, observamos a construção de identidades para fora, “localizados” nos fluxos que os moradores tecem para realizar a festa, seja com o poder público, com agentes culturais, com a iniciativa privada e com a mídia. Nesta medida, é fundamental atentarmos para os discursos proferidos, as noções acionadas, e as imagens da festa construídas pelos organizadores. Como estas imagens identitárias, para dentro e para fora, se cruzam, se alteram ou mutuamente se constroem? Trata-se, portanto, de perceber o que une os sujeitos e os constroem como pertencentes a uma comunidade ribeirinha, ao mesmo tempo em que estabelecem redes que os integra às dimensões para além da comunidade.

A Festa em suas várias dimensões: identidades para dentro e para fora

Nas narrativas sobre o evento aqui analisado são construídas imagens que se referem às dinâmicas identitárias associadas à idealização da comunidade de Bonsucesso, bem como ao acionamento da ideia de tradição.

Trazemos aqui alguns dados etnográficos referentes às narrativas sobre o surgimento da Festa. A primeira narrativa é de uma senhora, que se constrói como a primeira idealizadora e festeira da Festa de São Pedro. Em 1979, ela e duas colegas foram até o barranco localizado atrás da igreja para comprar peixe para a preparação do almoço. No barranco, às margens do rio, encontraram um tarrafeiro com uns curimbatás e pias muito bonitos, a claridade reluzia nas escamas dos peixes. Foi aí que ela fez uma proposta ao pescador: ele ofertaria os peixes e elas preparariam uma peixada em homenagem a São Pedro, pois era o dia do Santo, 29 de junho. O pescador disse que se fosse para fazer uma homenagem ao santo, elas poderiam escolher qualquer peixe. Outros pescadores que lá se encontravam também ofereceram seus melhores pescados para a comemoração. Subindo de volta para a rua da comunidade, elas convidaram os moradores para a peixada. O alvoroço estava feito, as mulheres logo se colocaram a preparar a comida, cada uma trouxe um ingrediente. Mais tarde quando o comprador de peixes chegou para buscar o pescado do dia, viu aquele “furdunço”. Ele e o gerente da empresa que compravam os peixes dos ribeirinhos decidiram doar chope e uma vaca para a comemoração. No ano seguinte este gerente, oriundo de uma localidade próxima a Bonsucesso, doou uma imagem de São Pedro para a igreja. As narrativas das outras senhoras, envolvidas no episódio, reproduzem a história contada, sempre ressaltando em

seus relatos o apelo às trocas, à reciprocidade, à comunhão local e à construção coletiva da Festa.

Conforme já mencionado anteriormente, a produção da festa se diferencia do cenário de realização das primeiras festas de São Pedro. Atualmente, a Festa é organizada pela Associação dos Pescadores de Bonsucesso. E quando adentramos nos relatos sobre a Festa produzidos por integrantes da Associação outras questões são inseridas nas dinâmicas identitárias atualizadas na comunidade. A ex-presidente da Associação é uma das pessoas indicadas pelos moradores para “falar sobre a Festa”. Nos relatos desta mulher de aproximadamente 40 anos há referências à organização da Associação, aos problemas que enfrentava em sua gestão pela desunião dos pescadores e pela ausência de participação nos papéis formais da Associação. Ela também ressalta que em seu mandato houve uma ruptura com a Prefeitura de Várzea Grande, não conseguindo apoio institucional nos dois anos de sua gestão, fato que acarretou dívidas para a Associação. Segundo ela, sem o apoio do poder público, fazer a Festa se resume a pagar os gastos com a mesma.

Entre os anos de 2005 e 2008, a Festa obteve apoio da Secretaria Estadual de Cultura de Mato Grosso e foi amplamente divulgada na mídia, além de contar com um grande número de pessoas nestas edições. Em 2009, 2010 e 2011 os organizadores não conseguiram a aprovação de seus projetos no Edital de Financiamento de Projetos Culturais de Mato Grosso e, portanto, o evento foi realizado sem o capital necessário para o pagamento das atrações e da infraestrutura do evento. É relevante notar que a busca pelo financiamento público torna-se também a busca pelo reconhecimento oficial do governo local.

Nos momentos de transições na gestão da Associação de Pescadores podemos compreender algumas dinâmicas centrais para a produção da Festa. Em uma das disputas pela presidência da Associação, o discurso dos candidatos era semelhante: a ênfase nos esforços a serem empreendidos para conseguir a aprovação do projeto da Festa, e para fazer uma festa “maior” e “melhor” que as dos anos anteriores. Nos discursos dos opositores em suas campanhas a grandiosidade do evento festivo coloca-se como fundamental no objetivo de “propagar e enaltecer Bonsucesso”. Após a votação, a chapa vencedora se reuniu no restaurante da família do presidente eleito onde tomaram cervejas e soltaram fogos de artifício. A princípio, o candidato derrotado parecia o mais preparado para liderar a Associação, pois já havia sido presidente da Associação de Moradores e trabalhava com uma cooperativa que vende pescado para mercados locais. No entanto, as pessoas que votaram no candidato eleito apostaram em duas coisas: primeiro, no “novo”, o candidato eleito nos debates reforçou que iria fazer um “novo modelo de festa”; e segundo, em seus contatos políticos, uma vez que trabalhou na campanha de um político influente na comunidade, além de ter amigos que trabalham em uma rádio da cidade e de conhecer fornecedores de peixe, elementos cruciais para a realização da Festa.

Estes dados demonstram que para a produção da Festa não basta o acionamento de laços sociais mais próximos como o parentesco e o compadrio. A Festa, em sua atual configuração, exige mobilizações que não se esgotam nas

trocas entre vizinhos e mutirões como fora citado no relato do surgimento da Festa de São Pedro, contado pela primeira festeira. É por isso que para ser “presidente dos pescadores” é importante estar apto para construir redes sociais mais amplas com pessoas de fora da comunidade. As redes sociais mais próximas não conseguem suprir as demandas de capital e infraestruturas necessárias para a construção da Festa nas proporções que ela atinge hoje.

A religião, que era o foco principal da Festa, agora se mescla a outros elementos, como o turismo, o lazer - não somente para os moradores de Bonsucesso, mas para os habitantes das cidades de Várzea Grande e Cuiabá - e o consumo. Como um microssistema dentro da Festa, a religião é elevada à categoria de “tradição”, é o momento tradicional da Festa, a parte que não pode mudar, é referência dos pescadores que necessitam da benção de São Pedro. No relato mítico da Festa de São Pedro, a homenagem ao santo através do banquete era o motivo da manifestação. Enquanto Festa do Pescador, percebemos o apelo dos moradores pela expansão e visibilidade do bairro localizado em uma área rural, e por fontes alternativas de renda, como o turismo.

Atualmente, interessa aos moradores, além da Festa de São Pedro, a realização da “Festa do Pescador”, na medida em que seu enfoque é justamente a extensão das relações. Assim, é como se existisse uma festa dentro da outra. A Associação é a responsável pela condução de momentos específicos da Festa: as refeições e os bailes. Os ritos religiosos e a comunhão com o santo colocam-se como atividades lideradas por outros moradores, esta esfera é considerada como pertencente a uma dimensão mais restrita à comunidade.

Mesmo com toda a importância que a Associação ocupa, existe um universo na Festa que está além da Associação, a “comissão da igreja”, pessoas que cuidam das questões religiosas locais, que organizam as festas da igreja, e que escolhem os festeiros de São Pedro. Esta extensão da Festa constitui o terreno religioso da festividade em que são dinamizados movimentos internos à própria localidade. É importante perceber que para os moradores a parte religiosa da Festa não deve mudar. Esta dimensão da festa não deve estar envolvida nos fluxos que a Associação tece com os órgãos públicos e privados da região. Deste terreno só participa quem é da “comunidade”. Aqui se apresenta o universo festivo de São Pedro, uma parte da festa que está dentro da Festa e que exige toda uma hierarquia de papéis desempenhados pelos festeiros que seguem uma “tradição”.

O rei e a rainha ficam à frente na procissão e em outras atividades de cunho religioso, o alferes de bandeira leva a bandeira, o capitão do mastro fica responsável por cortar a madeira, orná-la e afixá-la no dia da Festa, e os juízes levam as coroas que vão enfeitar o altar do santo no dia da missa. Alguns dias antes da Festa, o rei e rainha, que foram escolhidos na missa do ano anterior, organizam grupos de trabalho para executar algumas tarefas. São elas: ornamentação da igreja, atividade financeiramente assumida pelos festeiros; preparação do peixe; construção da cozinha. A todo o momento em que as pessoas estão preparando a comida ou trabalhando, os festeiros ficam

responsáveis por alimentá-las, fazer lanches, levar o almoço para as pessoas que estão cortando os peixes na beira do rio.

No dia da Festa, o dia de São Pedro, as figuras mais prestigiadas são os festeiros. Eles se resguardam para realizar a procissão terrestre e fluvial, carregando o santo e representando os pescadores. Os festeiros são da comunidade e ligados à pesca. São estas as pessoas que põem o santo na rua, que o carregam, o lavam, o passando adiante ao fim da procissão fluvial para os festeiros do ano seguinte.

A Associação de Pescadores: o profissionalismo da Festa

Passemos a falar um pouco mais sobre a Associação dos Pescadores, pois ela é fundamental para a compreensão da passagem de Festa de São Pedro para Festa do Pescador. A ideia de se associar em um instituição formalizada ampara-se na percepção de que a associação proporciona legitimidade de representação, uma vez que se constitui em uma representação formal, principalmente quando se concorrem aos apoios financeiros públicos ou privados. No realizar da Festa, esses atores tornam-se sujeitos políticos organizados, tentando estabelecer um diálogo crescente com o setor público e privado. Embora este coletivo organizado surja como grupo de interesses, ou como um grupo de pressão que atua segundo regras exclusivas de financiamento para projetos culturais, seus resultados e impactos não são parciais. Esse movimento possibilita que num determinado período o “presidente dos pescadores” possa ser representante das demandas e interesses da comunidade, implicando na realização de mediações importantes para a aquisição de melhorias para a população do bairro.

O estatuto da Associação foi reformulado em 2011, permitindo que todo e qualquer morador de Bonsucesso possa votar, bem como se candidatar à diretoria da Associação. A participação na eleição e candidatura era permitida apenas àqueles que possuíam a carteira de pescador profissional, aparentemente restringindo esta atividade política apenas aos homens¹.

A pesca no rio Cuiabá é uma atividade em declínio. A escassez do pescado é atribuída à instalação de uma barragem de energia elétrica nas imediações, que, segundo os pescadores, alterou o fluxo das águas, prejudicando a reprodução dos cardumes. Não se pode pensar em fazer uma festa com peixes doados pelos pescadores, como era feito até a década de 1990. Isso se mostra evidente nas falas dos pescadores. Nas reuniões da Associação há sempre discussões sobre a situação da pesca, os fluxos do rio e a situação financeira dos pescadores. A Associação também se coloca como um espaço em que se atualizam os assuntos do cotidiano e do pescador.

¹ É evidente o domínio masculino dentro do universo da Associação, e, apenas uma mulher conseguiu até hoje ser presidenta.

A Associação de Pescadores de Bonsucesso surgiu em 1980, por intervenção da Colônia de Pescadores Z1, órgão que cuida das questões legais dos pescadores. O órgão criou uma série de reservas pesqueiras ao longo do rio, territórios ribeirinhos onde se concentravam o maior número de pescadores. Nestes locais só era permitido pescar com anzol, ou seja, a ideia era criar áreas que fossem preservadas e fiscalizadas pelos próprios moradores. Hoje, a competência sobre a pesca não fica somente com o IBAMA². A fiscalização está sob os encargos da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, tendo uma subsecretaria voltada para a pesca. As reservas pesqueiras também não funcionam mais. Mas é interessante perceber que em Bonsucesso, ao contrário das outras localidades, a Associação não foi dissolvida. Ela adquiriu outros significados, dentre eles, a função de fazer a “Festa do Pescador”. Nos primeiros anos de sua criação, a Associação exercia as duas funções, cuidar da reserva pesqueira e buscar apoio para a Festa. Conforme a Festa foi crescendo, foi aumentando também a importância da Associação.

Com a Associação surge a figura da “diretoria”, é ela que tece fluxos como a sociedade envolvente. A diretoria é a responsável pela busca de patrocinadores, agentes culturais para elaboração de projetos, contratação de bandas, parcerias com comerciantes, prefeitura municipal e governo estadual. O presidente da diretoria é a figura central deste processo.

Em 2011, após dois anos sem apoio do poder público, a Associação decidiu contratar um agente cultural para ajudá-los na organização da festa. A ideia é a de que a necessidade de profissionalismo para a realização do evento é algo necessário para situá-lo como evento turístico e de visibilidade no cenário da região. Parte-se do pressuposto de que para projetar a Festa para fora da comunidade é necessário organizar o discurso e as ideias de forma “profissional”.

Tradição, Patrimônio e profissionalização da Festa

A busca pela profissionalização da Festa não é incompatível com o acionamento das noções de tradição e patrimônio. Tais noções são essenciais para a construção do que é entendido como a profissionalização da Festa. Nos contatos com os moradores, organizadores e festeiros, o que se percebe nos discursos sobre Festa é o argumento da tradição. O acionamento da tradição também está presente no projeto cultural, construído no ano de 2011, visando sua apresentação na Secretaria Estadual de Cultura de Mato Grosso.

“A festa é tradicional”; “Bonsucesso é a raiz de Várzea Grande”; “Somos filhos de ribeirinhos, pessoas que vieram do campo e que ergueram a cidade”; “A comunidade é unida”, são frases bastante proferidas quando o assunto é a Festa do Pescador. Ao relatar as dificuldades de financiamento e apoio, o presidente da Associação se queixa:

² Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais.

Ninguém oferece verba, os empresários só oferecem produtos, como se a gente não tivesse outros gastos com a festa, só com arroz. Você acredita, como pode ser isso, né? A festa é importante para o município e até para o Estado. Ela é uma festa tradicional, já se tornou um patrimônio cultural, e a prefeitura, o governo, as empresas não estão nem aí pra gente, nem para o nosso bairro.

Ao empregar algumas noções exploradas no campo científico e pelas políticas culturais, o presidente da Associação dá um uso singular a elas, resignificando as noções para legitimar o seu discurso. As noções que permeiam a caracterização do evento como tradicional e patrimônio cultural estão embasadas em concepções temporais, ou seja, a festa remete a um passado longínquo. O passado longínquo que não se remete necessariamente ao período de existência da Festa, tendo em vista que este evento é recente na comunidade, a Festa existe há 31 anos. O que a qualifica como tradicional é o lugar da festa, Bonsucesso, uma localidade “antiga”, originada de uma sesmaria, cuja população é ribeirinha e, portanto, tudo que é produzido lá seria “tradicional” e um “patrimônio cultural”. A ideia de que a Festa não é simplesmente uma festa, mas sim uma manifestação da tradição, um patrimônio, revela que é necessário para os organizadores enfatizar o lugar social e político que a comunidade adquire quando situada em relação aos município de Várzea Grande e Cuiabá.

Assim, o presidente da Associação se constrói também como pessoa importante, alicerçado no jeitinho brasileiro, onde sua autoridade é afirmada no sentido de demonstrar que o sistema é hierárquico, e inapelável (DaMatta, 1986: 101). A maneira de receber os pesquisadores sugere isso: o presidente sempre marca os dias de encontro, de maneira que seja reservado um tempo só para a “pesquisa”, de modo que ele possa dedicar total atenção a indagações, formalizando assim os encontros com os “representantes da Universidade”. A maneira com que ele se apresenta nos órgãos públicos, sempre enfatizando ser o “presidente”, também é bastante reveladora. Nestes eventos, ele é o primeiro a entrar, o primeiro a falar, e em sua fala sempre faz menção ao “coletivo”, usando expressões como “nós viemos aqui hoje”, “nós estamos indo atrás de tal pessoa”. Mas dizer que a festa é tradicional, e que, portanto, todas as demandas devem ser supridas pelo poder público não implica em resultados objetivos. O presidente tem consciência de que não é tão simples assim, por isso a necessidade de aprovar um projeto cultural, do suporte da iniciativa privada e de “padrinhos” da festa, escolhidos entre os comerciantes do município.

E neste movimento a utilização das noções de tradição e patrimônio é muito importante, pois cativam os possíveis colaboradores e constroem o apelo emocional. Elas contextualizam a manifestação sendo o ponto de partida do apelo, seguidos dos argumentos como o descomprometido do poder público, o descaso com uma localidade importante como Bonsucesso. Construir a Festa como patrimônio e tradição coloca Bonsucesso em uma situação privilegiada. Mesmo com todas as dificuldades para a realização da Festa, a Associação recebe algum tipo de apoio. Outros bairros de Várzea Grande encontram grandes dificuldades para executar “projetos culturais”, não conseguindo apoio nem na esfera pública nem na privada.

Conforme já enfatizado, um dos elementos que impulsionam a Festa é o peixe, cardápio principal do evento. A peixada é o momento mais esperado e explorado em termos de visibilidade pelos organizadores. Os organizadores também espetacularizam o momento dispondo o peixe frito dentro de canoas para ser fotografado e filmado pelos veículos midiáticos da região. Em uma fala sobre a tradição da culinária local, a mãe do presidente da Associação e proprietária de uma importante peixaria, diz:

O que eu faço de comida é aquilo que os cuiabanos faziam, e nós estamos usando até agora. A única coisa que mudou foi que antes o peixe era acompanhado de arroz sem sal, e agora tem sal, e alguns nomes também mudaram, como escabeche, na realidade é peixe ao molho, esse foram clientes que colocaram, mas, por exemplo, a mujica é a mesma coisinha. O peixe é o que garante a Festa de São Pedro.

A ideia de que o peixe garante a presença das pessoas está no imaginário dos moradores de Cuiabá e Várzea Grande: se você quiser comer um bom peixe, nos moldes “tradicional”, deve ir até Bonsucesso.

Na realização da festividade que transita entre a Festa São Pedro e a Festa do Pescador, algumas pessoas destacam-se, tornando-se lideranças comunitárias, efetivando o diálogo com o poder público, tratando nesses “encontros” de questões para além da festa, como melhorias para o bairro, acesso à cidade, busca por fontes de renda. A realização de uma “boa” Festa coloca-se como fator de prestígio para aqueles que estão diretamente nela envolvidos. A Festa potencializa as relações que são tecidas no bairro, positivando a participação dos moradores.

A festividade constrói também uma imagem do local e reatualiza perante a cidade sua importância social, cultural e política. As festas servem como um fator de mediação entre a cultura e ação, entre a representação social da tradição e o representar-se a si próprio, fazendo com que a produção de identidades para dentro e para fora da localidade se cruzem e se misturem na dinâmica do evento festivo.

Antônio da Costa (2006) ao analisar o circuito bregueiro em Belém (Pará) como um modelo festivo, afirma que as festas estão inseridas em campos de disputas e negociações, envolvendo mediações econômicas e políticas. Para Costa a festa não pode ser entendida como uma expressão da alienação de determinados grupos ou como um mecanismo de resistência à indústria cultural ou à cultura dominante. “Trata-se de uma experiência cultural mutante ligada às diversas esferas da vida social, cuja reprodução está condicionada à multiplicidade de interesses de agentes internos e externos ao evento” (COSTA, 2006: 83). É partilhando desta perspectiva que entendemos o evento festivo aqui descrito. A Festa comporta duas dimensões que aparecem na própria denominação: Festa de São Pedro e Festa do Pescador. Tais dimensões se interconectam no evento festivo, construindo pontes entre uma esfera mais interna das relações sociais e a outra, mais ampla. Tais fluxos são construídos não sem conflitos, no entanto, põem em ação e tensão zonas discursivas e redes de sociabilidade internas e externas à comunidade. Neste artigo, procuramos esboçar alguns destes trânsitos que apelam para as dimensões de sociabilidades

festivas calcadas em laços de parentesco e vizinhança, mas também perpassadas por processos de profissionalização e espetacularização.

Sem atentarmos para uma análise sobre alienação ou resistência, nosso objetivo foi o de assinalar os processos de ressignificações, uma alternativa para a construção de uma perspectiva analítica que incorpore dinâmicas históricas e sociais estabelecidas no âmbito das manifestações culturais populares. Finalizamos este artigo com as palavras do antropólogo Hermano Vianna (2005, p. 309):

cada mestre de brincadeira, ou cada brincante, não atua como espectador passivo de uma tradição secular sobre a qual não tem nenhum controle e só pode preservar. Seu papel é mais de um DJ, ou qualquer outro produtor musical cibernético, que faz suas próprias colagens (...) Mais do que isso, e em parte justamente por isso: as brincadeiras estão em permanente transformação, confusão. E certamente, não estão isoladas, num mundo fora da mídia ou das intrigas políticas que marcam o cotidiano de cada secretaria municipal de cultura e de outros órgãos públicos, ou ONGs, ou empresas privadas que propagandeiam patrocinar ou apoiar a cultura e a tradição.

Bibliografia

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. (orgs). *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora Fundação UNESP, 1998. p.187-227.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EdUSP, 1998.

COSTA, A. M. da. “A Festa dentro da Festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará”. *Campos: Revista de Antropologia Social* 7 (2), 2006.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. [1912]

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: uma descrição dos modos de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

HALL, Stuart. *A identidade cultura na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, Fronteiras, Híbridos: Palavras-Chave da Antropologia Transnacional. *Mana* 3 (1), p. 7-39,1997.

LEAL, João. *As Festas do Espírito Santo nos Açores: um estudo de Antropologia Social*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol.34, 1991.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. [1925].

PASSOS, Mauro. “Apresentação”. IN: PASSOS, M. (org.). *A Festa na Vida: Significado e Imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREZ, L.F. “Antropologia das efervescências coletivas”. IN: PASSOS, M. (org.). *A Festa na Vida: Significado e Imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SEGATO, Rita Laura. A antropologia e a crise taxonômica da cultura popular. Seminário folclore e cultura popular. *Série Encontros e Estudos 1*. Rio de Janeiro, p. 13-21, 1992.

TAVARES, José Wilson. *Várzea Grande: História e Tradição*. Cuiabá: KCM Editora, 2011.

TRAJANO FILHO, W. “O Cortejo das Tabancas: dois modelos da ordem”. In CAVALCANTI, M.L.V.C. e GONÇALVES, J. R. (orgs). *As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

VIANNA, Hermano. Tradição da mudança: a rede das festas populares brasileiras. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 32, p. 303-315, 2005.

Recebido em 09/06/2017.

Aprovado em 24/07/2017.